



## O Uso da Imagem Feminina nos Programas de Auditório: Do Chacrinha ao Pânico na TV! <sup>1</sup>

Silmara Vitto<sup>2</sup>

Raphael Carlos Sperb<sup>3</sup>

Camila Candeia Paz<sup>4</sup>

Universidade do Contestado UnC – Concórdia/SC

### Resumo

O presente estudo busca analisar e compreender o uso da imagem da mulher em programas de auditório da televisão brasileira, com o intuito de contribuir para ampliar e aprofundar a discussão sobre a forte influência que a sociedade patriarcal ainda exerce sobre o sexo feminino. Resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo, o presente artigo buscou mostrar como imagens de figuras consideradas passivas interagem com o público, contribuindo para o fortalecimento da imagem da mulher como objeto. Para tanto, além de uma análise histórica mais aprofundada, o presente estudo baseou-se em avaliar o papel da mulher em dois programas de auditório da TV brasileira: “Cassino do Chacrinha” e “Pânico na TV!”. Os programas foram escolhidos a fim evidenciar as transformações no uso da imagem feminina, desde a década de 80 até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Gênero; Imagem da Mulher; Programas de Auditório; Cassino do Chacrinha; Pânico na TV;

A presença da mulher na TV brasileira não é recente. Já em 1950, durante a primeira transmissão televisiva do país e da América Latina, podia-se conferir a imagem de algumas delas, que se tornariam famosas ainda na mesma década, como Hebe Camargo e Dercy Gonçalves, ícones televisivos até hoje. Porém, a presença masculina praticamente dominava o cenário, formado por profissionais oriundos de outras áreas, a exemplo do rádio.

Dentro deste contexto, observou-se gradativamente uma mudança principalmente nos telejornais, onde as mulheres alcançaram um lugar notável tanto na apresentação como na direção. Porém, em se tratando especificamente de programas de entretenimento – foco da presente pesquisa - percebe-se ainda uma forte presença masculina, principalmente nos programas apresentados em horários “nobres”, como nos finais de semana. A figura da mulher geralmente é indissociável do homem, sendo apresentada como um ser passivo, transformando-se na maioria das vezes em uma espécie de “mulher-objeto”.

<sup>1</sup>Trabalho apresentado à Divisão Temática de Comunicação Audiovisual, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Blumenau – SC.

<sup>2</sup>Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade do Contestado – UnC, campus Concórdia/SC (2008). sil\_jornalismo@yahoo.com.br

<sup>3</sup>Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade do Contestado – UnC, campus Concórdia/SC (2008). rapha@designvirtual.com

<sup>4</sup> Professora do Curso de Jornalismo da UnC. Mestre em Desenvolvimento, Gestão e Organizações pela Unijuí /RS (2006). candeiapaz@yahoo.com.br



O presente trabalho, que busca analisar a imagem da mulher nos programas de entretenimento, tem por base dois programas específicos: o programa “Cassino do Chacrinha”, levado ao ar pela Rede Globo, entre 1982 e 1988; e o programa “Pânico na TV!”, produzido desde 2003 semanalmente pela Rede TV!. O objetivo é identificar e analisar o uso da imagem da mulher nestes programas de auditório. Ambos foram escolhidos por apresentarem características peculiares em relação ao feminino – visível em quadros distintos durante a programação. Não foi levada em consideração a representatividade direta dos programas na sociedade, como, por exemplo, a abrangência/audiência dos mesmos, até porque, o programa da década de 80, por ser transmitido pela Rede Globo, a maior rede televisiva do país, sempre foi líder de audiência, refletindo os altos investimentos. Já o atual programa da Rede TV!, ao contrário, é caracterizado pelo baixo custo de produção e por isso mesmo os índices de audiência são considerados satisfatórios em relação aos investimentos.

Para análise dos vídeos, foram utilizados dois programas completos do “Cassino do Chacrinha”, datando de 28/08/1983 e 02/07/1988, bem como o especial sobre a trajetória de Chacrinha, exibido no programa “Por toda a minha vida”, da Rede Globo em 24/07/08. Para a análise do “Pânico na TV!”, foram utilizados os programas dos dias: 20/10/07, 18/11/07, 20/01/08 e 23/03/08.

Mesmo sendo produzidos em décadas diferentes e para públicos distintos, os dois programas se tornam semelhantes por terem grande parcela de sua programação baseada na explicitação da mulher enquanto um corpo comercialmente rentável. Essa sujeição da mulher remete à própria história do desenvolvimento da TV brasileira, que no início apenas seguiu o modelo norte-americano de programação.

## **O Gênero e suas Implicações**

Na espécie humana, a diferenciação de indivíduos por sexo, masculino ou feminino, é baseada na legalidade estritamente biológica de cada ser. A relação mantida entre os dois sexos resulta na perpetuação da espécie. É ainda no início das sociedades agrícolas, durante o período neolítico (8.000 a 4.000 anos atrás), que começa também a ser definido o papel de cada indivíduo na sociedade. A mulher, por sua capacidade reprodutora, desenvolvia a atividade do “cuidar”. Já o homem trabalhava no cultivo de alimentos e criação de animais. Esta divisão ultrapassa a característica biológica, retrata o termo “gênero”, “um conceito construído socialmente, buscando compreender as relações estabelecidas entre os homens e as



mulheres, os papéis que cada um assume na sociedade e a relação de poder estabelecida entre eles” (COSTA, 2008).

Diante dessa percepção, pode-se dizer que os sexos sofrem uma aculturação, levando em consideração as condições a que se submeteram ao longo da vida. “Elas e eles” sofrem fortes pressões durante a fase infantil e adulta para protagonizar papéis já estabelecidos como “normais” para cada sexo (POMATA *apud* RESE; HOPPEN, 2004, p. 23). Por isso, “[...] diferentemente do sexo, o gênero é um produto social, aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações [...]” (SORJ, 1992, p. 15-16). Então a principal diferença constituída entre sexo e gênero é a de que o sexo é definido como biológico, enquanto que o gênero é o resultado de influências, podendo ser “escolhido”, “moldado” ao longo dos anos.

O gênero torna-se antes, uma maneira de indicar “construções sociais” – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. (...) O uso de “gênero” põe ênfase sobre tudo num sistema de relações que pode incluir sexo, mas ele não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade (SCOTT, 1990, p.5).

Para Scott, existem muitas características implícitas dentro dos termos “sexo” e “gênero” que servem como uma determinação dos mesmos. Como exemplo cita-se o sistema de parentesco, baseado na heterossexualidade, pelo casamento entre pessoas de grupos diferentes; o mercado de trabalho que é sexualmente dividido e remunerado; a educação, pelas instituições socialmente masculinas e ainda o sistema político, seriam as características determinantes (SIQUEIRA, 2008, p. 110-117). Levando-se em consideração estes aspectos, o papel social dos homens e mulheres não é igualmente dividido e valorizado. A função de reprodutora da espécie favoreceu a decorrente submissão da mulher ao homem, baseada nos ideais do patriarcalismo, como se verá a seguir.

### **O Patriarcalismo e o Desenvolvimento da Mulher na Sociedade**

A construção do estereótipo feminino que ainda hoje se conhece, foi sendo estabelecida na sociedade ao longo dos anos, baseando-se principalmente nos ideais do patriarcalismo, segundo os quais a mulher deve se sujeitar ao homem que, por sua vez, age como uma figura centralizadora, um líder absoluto, principalmente dentro da família. E é exatamente por meio deste elo com o seio familiar, que estes ideais perpetuam por várias



gerações. Ainda em 334 a.C, o filósofo Aristóteles estabelecia o papel do homem como chefe da família: “deve ele guiar os filhos e as mulheres, em razão da imperfeição destes”. (ARISTÓTELES apud OLIVEIRA, 2003, p 85).

A trajetória permaneceu ligada também a pensamentos como o do filósofo Rousseau, que procurava sujeitar a mulher ao homem em seus discursos, afirmando que elas seriam naturalmente mais fracas, sendo apropriadas para a reprodução, mas não para a vida pública.

As mulheres devem ser educadas para agradar os homens e ser mães. Devem ser educadas na reclusão sexual e castidade que legitimam a paternidade. Devem aprender a estimular o desejo masculino e ai mesmo tempo impedir a lascívia dos homens. (...) Na família, os homens devem governar essas frívolas criaturas (ROUSSEAU apud NYE, 1995, p.20).

Tais ideais de diferenciação no campo do conhecimento, a que as mulheres geralmente não tinham acesso, permaneciam ligadas também a pensamentos como o do filósofo Platão, que sugere que as mulheres seriam uma reencarnação dos homens, que durante a primeira existência “foram covardes e conduziram mal suas vidas; não foram capazes de estabelecer uma ética de vida, e, portanto, não tiveram força suficiente para ter acesso ao conhecimento.” (STREY; CABEDA, 2003, p.53).

Na trajetória do ser humano, as diferenças físicas entre os sexos agiram como um fator condicionante para a atuação dos indivíduos na sociedade. Sempre houve associação do fraco com o feminino, e do forte com o masculino. Aristóteles no livro “História dos Animais”, ao afirmar que a mulher é dotada de um cérebro menor, consagra este conceito utilizado durante muito tempo para evidenciar a mulher como um ser de inteligência inferior.

É só a partir da Revolução Francesa, em 1789, que o papel da mulher começa a sofrer significativas mudanças, através da reivindicação por direitos igualitários. Destaca-se nomes como o de Olympe de Gouges, a primeira mulher a lançar-se em esfera pública, que denunciou a opressão às mulheres, buscando “despertar” a classe feminina contra as desigualdades (SOUZA, 2003, p. 115).

Mas, é a chegada da Revolução Industrial, na metade do século XVIII, que favoreceu o início de um desligamento da mulher com o seio familiar, já que a mesma passa a cumprir jornada diária de trabalho nas fábricas. Isto não significou, porém, o abandono das responsabilidades domésticas, uma vez que a mulher passou a cumprir “uma dupla jornada de trabalho”, cuidando da família, dos afazeres domésticos e do trabalho remunerado, correspondente ao padrão capitalista. O processo de mecanização da produção correspondeu a uma mudança na força operária, como explica Marx:



Á medida que a maquinaria torna a força masculina dispensável, ela se torna o meio de utilizar trabalhadores sem força muscular ou com desenvolvimento corporal imaturo, mas com membros de maior flexibilidade. Por isso, o trabalho de mulheres e de crianças foi a primeira palavra de ordem da aplicação capitalista da maquinaria (MARX apud OLIVEIRA, 2003, p. 91).

A utilização da mão de obra feminina trouxe também mudanças para a sociedade. O historiador E. P. Thompson diz que a condição da mulher piorou, já que, cada vez mais cedo, as mulheres mudavam-se para os grandes centros, aumentando significativamente o número de crianças doentes por falta de cuidados da mãe (THOMPSON apud OLIVEIRA, 2003, p.89).

Atualmente, pode-se dizer que a mulher conquistou mais liberdade, por isso os indicadores atuais apontam para o declínio dessas formas tradicionais de constituição familiar. A mudança em torno da concepção da mulher e do trabalho têm contribuído para a decadência desse cenário. Para Castells (2001), as principais formas pelas quais hoje se dissolve a sociedade patriarcal são o maior controle da mulher sobre a gravidez e a transformação econômica e tecnológica, que levou a mulher ao mercado de trabalho e à profissionalização. No Brasil estas mudanças aconteceram especialmente após a implantação da Constituição Federal de 1988, quando as mulheres conquistaram a igualdade jurídica.

Outra característica que possibilitou profundas mudanças sócio-culturais é o crescente número de mulheres responsáveis pelo sustento do lar. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos últimos quatro anos houve um aumento de 20,9% no número de lares comandados por elas. Hoje cerca de 29,6% dos lares são sustentados pelo trabalho feminino. Mas, “de qualquer maneira, os domicílios sustentados pelas mulheres têm rendimento bem inferior aos providos pelos homens, acompanhando a tendência que ainda persiste no mercado de trabalho em geral”, explica Luciene Kozovitz, analista da pesquisa. Em agosto de 2006, quando realizada a pesquisa, nos domicílios cujos principais responsáveis eram homens a renda chegava a R\$ 2.116,28 mensais, muito superior ao rendimento médio de R\$ 1.503,99 apurados em domicílios sustentados pelas mulheres.

Contudo é fundamental perceber que existe um processo de mudança social e cultural que se revela aos poucos nas sociedades através de símbolos de desinibição, como as roupas, por exemplo.



## **O papel da mulher nos programas televisivos**

O papel da mulher dentro do universo televisivo, no início foi muito delimitado. Só homens eram aceitos para apresentar telejornais, exemplo clássico é o da Globo, onde a “preferência” era vista como um forma de manter a audiência na passagem da novela para o Jornal Nacional. Como explica José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, ex-vice-presidente de Operações da rede Globo, a indicação era que se mantivesse a “presença de apresentadores que fossem competentes e de boa aparência” (BONI, apud RESE; HOPPEN, 2004, p. 30). As mulheres eram vistas como importantes telespectadoras.

Sempre houve exceções a esta realidade, como o exemplo de Hebe Camargo, que há 18 anos exerce a função de apresentadora no SBT, e estava presente já na primeira transmissão televisiva, em 1950. Porém, neste caso, geralmente a figura feminina é inserida em outro aspecto da televisão: os programas de entretenimento e auditório.

O fato é que na maioria das vezes que se teve a presença feminina, especialmente ligada a programas de entretenimento, a imagem foi remetida a figuras passivas, havendo uma transformação da mulher em objeto. Exemplos clássicos podem ser observados em programas de auditório como “Domingo Legal”, do SBT, e o “Domingão do Faustão”, da Rede Globo, programas concorrentes, que utilizam mulheres como dançarinas/assistentes de palco. Essa sujeição remonta ao início da programação televisiva no Brasil, quando as mulheres eram utilizadas para “alavancar” a audiência.

### **A Mulher no Programa “Cassino do Chacrinha”**

O “Cassino do Chacrinha” foi ao ar de 1982 a 1988 pela Rede Globo, sendo exibido aos sábados à tarde, a partir das 16 horas, no palco do Teatro Fênix, no Rio de Janeiro. As atrações variavam entre show de calouros, apresentações de artistas de renome e alguns concursos, como a eleição da criança mais bonita, em 1982, quando a apresentadora Angélica ganhou o prêmio. O programa tinha clima de festa e o apresentador, esporadicamente e conforme o patrocinador jogava “presentes” na platéia. O mais lembrado, por exemplo, é o bacalhau: “Quem quer bacalhau?” (BARBOSA; RITO, 1996, p.80).

Ao Chacrinha sempre couberam elogios e críticas pelo seu trabalho. Segundo Boni, “ele foi o pai do popular bem feito, era uma espécie de guardião da comunicação de massas” (BARBOSA; RITO, 1996, p.76). Para Muniz Sodré, professor, escritor e teórico, Chacrinha “foi um divisor de águas entre a televisão para o público e a televisão com o público”



(SODRÉ apud BARBOSA; RITO, 1996, p. 76). O certo é que esta fórmula popularesca de comunicação surtiu o efeito desejado. Como lembra Boni, enquanto esteve na Rede Globo, “Chacrinha ajudou a consolidar a emissora como líder de audiência. Nos horários criados por ele nenhum outro programa teve audiência igual”. (BONI apud BARBOSA; RITO, 1996, p.10). Além da irreverência, o apresentador contava com mais recursos na “guerra” da audiência. As chacetes, dançarinas e assistentes de palco de Chacrinha marcaram época e ajudaram em sua popularidade.

A imagem feminina é praticamente indissociável dos programas de Abelardo Barbosa. Desde a estréia na TV Excelsior, em 1961, já apareciam garotas dançando ao lado dele na abertura e no encerramento dos programas, eram as “tevezinhas”, alunas da escola de balé do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Como explicam Barbosa; Rito (1996, p.118) “as raras fotos deste período mostram meninas muito bem-comportadas, de malha de bailarina e tênis, sentadas no palco como se estivessem num ensaio”. Mas é ainda na década de 60, que a concepção de bailarina do Chacrinha muda drasticamente. Em 1967, quando o apresentador deixa a TV Excelsior e migra para a TV Rio, surgem as “vitaminas” do Chacrinha, mulheres com um corpo escultural e, a partir daí, usadas para alavancar a audiência do programa. As “vitaminas” tiveram uma aceitação muito boa, sendo as precursoras das “chacetes” na TV.

O próprio nome “chacetes” ninguém sabe ao certo quem criou, porém as evidências levam a acreditar que tenha sido o público que as “batizou”. O fato é que elas eram escolhidas a dedo pelo próprio Chacrinha, o qual afirmava: “Eu sei o que o povo precisa para se divertir. No palco a mulher tem que ser boazuda, ter coxões e peitos grandes, porque homem só gosta de magra para casar”, ou ainda: “mulheres brancas não servem, tem que ser loura ou mulata”, sendo que “além de saber dançar, tem que ter charme e química com a câmera de TV” (BARBOSA; RITO, 1996, p.110).

As chacetes eram caracterizadas por suas roupas extravagantes, acompanhando o estilo multicolorido do apresentador, tinham entre 18 e 30 anos, e acompanharam as mudanças no gosto médio dos brasileiros em relação às mulheres (BARBOSA; RITO, 1996).

As medidas das chacetes naquela época (década de 80) mostravam que na verdade os quadris grandes é que importavam: 90cm de busto, 63 de cintura e 95 a 100 de quadris! As moças não eram propriamente vulgares, mas tinham um certo “ar de pecado”, reforçado pela pintura exagerada das sobrancelhas, olhos e bocas e as roupas curtíssimas e muito justas. (BARBOSA; RITO, 1996, 119-120).



Na década de 80, as Chacretes com decotes mais ousados.

Fonte: <http://asletrasdasopa.blogspot.com/2008/10/quero-ser-john-ahn-rita-cadillac.html> (2008)

Durante os programas elas dançavam e auxiliavam o apresentador, sendo-lhes concedidos inúmeros e demorados *closes*, que as exibiam dos pés a cabeça. Cada uma recebia um apelido. Alguns nomes mais lembrados são: Rita Cadillac, Fátima Boa-Viagem, Garça Dourada, Loura Sinistra, Lucinha Apache, Gracinha Copacabana, Índia Poti, Vera Flamengo, Regina Polivalente e Kátia Pavão (BARBOSA; RITO, 1996).

Como Chacrinha também realizava shows em diversas cidades, “ser chacrete era sinônimo de fazer muitos shows pelo interior, a possibilidade de possuir carros do ano, receber muitas cantadas e pedidos de casamento (...)”. (BARBOSA; RITO, 1996, p. 120). Elas pertenciam geralmente a famílias muito humildes, e estas apresentações extras também ajudavam a aumentar o salário considerado pequeno pago pelo programa.

### **A Mulher no “Programa Pânico na TV!”**

Exibido semanalmente pela Rede TV!, aos domingos à noite e reprisado às sextas-feiras com os melhores momentos, o programa “Pânico na TV!” é uma extensão do programa “Pânico”, transmitido pela rádio Jovem Pan FM. O projeto, inicialmente radiofônico, foi adaptado para a TV em setembro de 2003. Refletindo a boa aceitação, principalmente do público-alvo jovem, o programa se mantém com uma boa média de audiência já que vai ao ar no mesmo horário do programa “Fantástico”, da Rede Globo.





O programa possui diversos quadros em sua programação, sempre baseados no humor e na sátira, comandados por personagens, a exemplo de “Vesgo” e “Sílvio” (este último, uma sátira de Sílvio Santos), que invadem festas de pessoas famosas e entrevistam as celebridades. Assim como o programa radiofônico, o “Pânico na TV!” é comandado pelo apresentador Emílio Zurita.

A figura feminina sempre foi presença marcante no programa. A apresentadora Sabrina Sato, por exemplo, se consolidou como uma verdadeira “marca” ao apresentar vários quadros em trajes mínimos, tanto no palco, como em atividades externas. Evidencia-se o corpo e também a sua incapacidade profissional. Como “assistentes” de palco, o programa conta com as “Panicats”, espécie de “remontagem” das chacetes, as quais usam apenas pequenos biquínis e exibem os corpos durante a programação. E ainda, a “Mulher Samambaia”, conhecida assim por usar um minúsculo biquíni verde, imitação da planta, enquanto faz danças insinuantes diante dos *closets* das câmeras. A semelhança com as chacetes, suas antecessoras, é constatada pelo jornalista Freddy Charlson, no texto “Mulheres servidas à mesa”, no Jornal de Brasília (06/06/08):

A Mulher Samambaia, codinome de Daniele Souza, por exemplo, já há alguns anos aparece vestida (?!) apenas com um pequeno biquíni no programa Pânico na TV. Sua singela tarefa é rebolar e sorrir para as câmeras. E só. Feito uma samambaia ela só decora o ambiente. (...) Samambaia vem de uma escola antiga, porém menos vulgar, que surgiu com as chacetes. (...) (CHARLSON, 2008)

Durante os programas, elas submetem-se a situações pouco convencionais. Sabrina, por exemplo, é a mais utilizada para esses fins. Entre inúmeras cenas protagonizadas por ela, cabe citar algumas: esteve em uma caixa cheia de cobras; tomou leite com perfume e óleo; comeu olho de cabra; foi arrastada por vários metros em uma corrida de avestruzes; foi colocada em um caixão e enterrada, enquanto sua imagem era transmitida aos colegas. Basicamente todas essas “atividades” são acompanhadas pelo público masculino do programa, que aproveita para desmoralizar ainda mais o papel da mulher. É uma espécie de teste em que a figura feminina é sempre passível para experimentações, como mostra a figura a seguir:



Sabrina, suspensa pelos pés submetida a mais umas das brincadeiras bizarras do Programa Pânico na TV!

Fonte: <http://arquivoetc.blogspot.com/2006/11/sabrina-cobaia-do-pnico-na-tv.html>. (2008)

Sobre esta transformação, principalmente da apresentadora em mulher-cobaia, a própria Sabrina afirma: “quando me perguntam se sou burra ou faço tipo, respondo que sou burra mesmo. E me dei bem com isso” (MARTHE, 2006, p.2). Já para Marcelo Marthe, jornalista da Revista Veja, esta realidade tem uma explicação menos teórica:

Sabrina encarnou tão bem o papel que hoje desfruta status semelhante ao de seus colegas na Rede TV!. Ela participa das reuniões de pauta e discute com os produtores os detalhes de suas aventuras. Também retira seu naco do faturamento do Pânico – que se tornou o carro-chefe da emissora graças a combinação de baixo custo de produção e boa receita publicitária. Entre salário e merchandising, ela chega a faturar 40.000 reais por mês (MARTHE, 2006, p. 2).

### **Análise da Imagem da Mulher: Do Chacrinha ao Pânico na TV!**

Não se pode negar a forte influência da presença de mulheres, aos altos índices de audiência alcançados pelos dois programas analisados. No caso de Chacrinha, ele mesmo afirmava: “faço de tudo para bater qualquer concorrente que tiver no horário” (BARBOSA; RITO, 1996, p. 98). Em seus programas, as dançarinas eram colocadas em pedestais nas laterais do teatro, como deusas a serem admiradas. Existiam jogos de câmeras e tomadas de vídeo específicas, como salienta o então diretor do programa, Luiz Veiga: “as chacetes



usavam calcinhas pretas bem curtas, e as imagens insinuavam não haver nada embaixo, não havia quem resistisse” (VEIGA apud BARBOSA; RITO, 1996, p. 122). O que fica perceptível, no entanto, ao assistir os programas da época, é que mesmo havendo este tipo de tomada mais peculiar, o tempo dedicado a elas era bem inferior ao visto em programas atuais, tomando por comparativo o “Pânico na TV!”. Como, por exemplo, no programa exibido no dia 18/11/2007, onde durante quase cinco minutos duas “panicats” permanecem viradas de costas para a câmera, a qual focava os quadris das mesmas.

Era a intenção de Chacrinha explicitar a sensualidade, o ar de mistério que envolvia suas dançarinas. Porém, através dos vídeos assistidos, é perceptível que a imagem das chacretes não era apelativa e vulgar como os moldes atuais da Sabrina Sato e das panicats. A imagem da mulher apresentada nos anos 80 mantinha-as como seres intocáveis. Chacrinha sabia que isso era bom, pois condizia com a vontade do público e ao mesmo tempo não deixava os programas se tornarem pejorativos.

Percebem-se diferenças no tratamento da imagem das chacretes ao longo dos anos em que o programa “Cassino do Chacrinha” foi exibido, a exemplo do dia 28/08/1983 em comparação ao último programa, exibido no dia 02/07/1988. Com o passar do tempo, as chacretes receberam mais destaques, dentre eles: efeitos sonoros, como uma espécie de chamada para a presença delas no vídeo, realçando coxas e quadris; bem como a aparição do nome artístico na tela no momento de exibição de cada uma.

No programa “Pânico na TV!”, a presença feminina vai um pouco além desta função “mulher-objeto”, porque há uma maior interação das mulheres. Isso não reflete, porém, na qualidade do que é apresentado, uma vez que mesmo tendo mais espaço para atuação, as mulheres são totalmente descaracterizadas do ponto de vista racional. São basicamente corpos padronizados que marcam presença compactuando, na maioria das vezes, com sátiras machistas. Um exemplo claro é o programa do dia 20/01/2008, quando os repórteres realizam a cobertura de uma passeata pelos direitos das mulheres, e dizem piadinhas do tipo: “As mulheres merecem mais espaço, vamos aumentar o tamanho da corrente”, ou, “Dê a ela o seu lugar ao sol, faça um teto solar na cozinha” e ainda: “Eu cresci mamando em uma vaca...dona Lurdes!”.

Outra situação é a exposição das mulheres às mais bizarras situações. No programa do dia 28/10/07, uma vaca é levada ao palco e uma das panicats, em meio a muito drama, é obrigada a ordenhar o animal. Em seguida, Sabrina Sato e a “Mulher Samambaia” têm que beber o leite, misturado e batido no liquidificador com produtos como: batom, óleo, perfume e pêlos (humanos). Em outra situação, no programa de 2005, Sabrina e mais três panicats têm



que viver um dia como coletoras de lixo, penduradas em um caminhão, vestindo apenas minúsculas lingerie em meio a todo risco de contaminação.

Para a antropóloga Aglair Maria Bernardo, no momento atual, a banalização da sexualidade e o caráter orgiástico dos programas deve ser levado em consideração, uma vez que “são imagens que reforçam o prazer e o desejo sexual e que, sob alguns aspectos, podem ser entendidas como fortemente transgressoras”. Ela acredita que este aspecto não tem somente referências ruins na sociedade, uma vez que:

[...] existem positivities interessantes, porque tira a mulher do ambiente da vida doméstica, da condição de maternidade e de projetos históricos a que as mulheres ficaram submetidas durante séculos. (BERNARDO, 2008)

Se as chacetes estavam lá a fim de manter um bom índice de audiência para o programa, Sabrina Sato, a “Mulher Samambaia” e as panicats também estão. A diferença se dá no tratamento oferecido à imagem destas mulheres. Na época de Chacrinha, o simples fato de mostrar, “mistificando” a imagem das chacetes, lhe garantia uma boa aceitação no meio televisivo. Hoje, com os programas vendendo cada vez mais estereótipos, banalizando cada vez mais a presença feminina, o simples fato de aparecerem bailarinas, dançando em cima de pedestais, não garantiria a mesma representatividade.

As chacetes, eram vistas como “deusas intocáveis”, mas tinham um retorno financeiro baixo se comparado aos atuais moldes de Sabrina Sato, que por sua vez, vai além do mostrar o corpo no vídeo. A situação dela ultrapassa a barreira do físico, transforma em personagem uma imagem de mulher cultivada no imaginário masculino e também feminino. Assim como ela, hoje muitas outras são bem sucedidas e conseguem adquirir bens, independência financeira e prosperar socialmente. O público sabe que estão interpretando uma personagem, porém os limites entre o real e o imaginário se tornam tênues. E o perigo da má utilização da figura feminina se torna iminente, principalmente quando se leva em conta a mídia como formadora de ideologias.

A televisão brasileira é um veículo que quase em sua totalidade, se volta ao entretenimento. A imagem da mulher é o meio mais utilizado, tanto para demonstrações “físicas” dos produtos, como para a “fidelização” de um público sedento por vulgaridades. E isto não é novidade na TV brasileira: já em 1957, quando da concorrência entre Chacrinha e Flávio Cavalcanti, e até hoje, com Gugu Liberato e Fausto Silva, as mulheres são usadas para este fim. O grande impasse é que não há como medir o impacto causado à imagem feminina.



Exemplo: a forma como são tratadas Sabrina Sato e as panicas, pode, mesmo que inconscientemente, servir de impulso para reforçar o estado de servidão ao sexo oposto.

Levando-se em consideração o contexto histórico, as mulheres ainda não foram totalmente libertas das amarras do patriarcado. Um número bastante significativo era, e continua sendo refém das velhas armadilhas de uma sociedade patriarcal e machista. Houve mudanças, porém muitas ainda se submetem a determinadas configurações de poder desta mesma sociedade.

Diante disso, vive-se em uma situação-limite, uma vez que mesmo tendo aspectos positivos, essa nova concepção criada pela mídia, pode acarretar em novos “desgastes” à imagem feminina, relacionando constantemente a mulher à banalização do sexo. Deste modo, tornar-se-iam inválidos os movimentos que as mulheres vivenciaram até aqui, bem como o processo de emancipação econômica, social e sexual adquiridos. Ou seja, outorga-se novamente o direito do pensamento aos homens, bem como a submissão das mulheres à sociedade patriarcal.

## Referências Bibliográficas

BARBOSA, Florinda; RITO, Lúcia. **Quem não se comunica se Trumbica**. São Paulo: Globo, 1996.

BERNARDO, Aglair Maria. Antropóloga, professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina, membro de corpo editorial da Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC) e Membro de corpo editorial da Raccord. Depoimento aos autores. 04/11/2008.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A. 2001.

CHARLSON, Freddy. **Mulheres servidas à mesa**. (06/06/08). Disponível em: <http://xdaquestao.blogspot.com/2008/06/pensamento-para-o-fim-de.html>. Acesso em 02 de nov. 2008

COSTA, Lucia Cortez da. **Gênero: uma questão feminina?** Disponível em: <http://www.uepg.br/nupes/Genero.htm>. Acesso em 20 set. 2008.

MARTHE, Marcelo. **Sabrina, a cobaia do Pânico na TV**. (2006) Disponível em: <http://arquivoetc.blogspot.com/2006/11/sabrina-cobaia-do-pnico-na-tv.html>. Acesso em 20 nov. 2008.

NYE, Andrea. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1995 (Cap. 2 - Liberté, Égalité et Fraternité: Liberalismo e Direitos das mulheres no século XIX.).



OLIVEIRA, Elisângela Magela. **Transformações no mundo do trabalho da Revolução Industrial aos nossos dias.** (2003) Disponível em: [http://www.ig.ufu.br/revista/volume11/artigo06\\_vol11.pdf](http://www.ig.ufu.br/revista/volume11/artigo06_vol11.pdf). Acesso em 10 out. 2008.

RESE, Alexandre; HOPPEN, Eliziani. **O padrão estético das telejornalistas.** Monografia. Concórdia: UnC, 2004.

SCOTT, Joan. **História das mulheres.** In: BURKE, Peter (org). *A escrita da História.* São Paulo. Unesp, 1992, p.63-95.

SIQUEIRA, Tatiana Lima. **Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero.** Revista *Ártemis*, vol. 8, jun. 2008, p.110-117. Disponível em: [http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero8/artigos/artigo\\_09.pdf](http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero8/artigos/artigo_09.pdf). Acesso em 26 out. 2008.

SORJ, Bila. “O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade”. In: Costa A. O. & Bruschini, C. (orgs). **Uma questão de gênero.** Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 15-23.

SOUZA, Itamar de. **A mulher e a Revolução Francesa: participação e frustração.** 2003. Disponível em: <http://www.revistafarn.inf.br/revistafarn/index.php/revistafarn/article/viewFile/81/93>. Acesso em: 24 out. 2008.

STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa. **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.